

CRÍTICA. Bailarina e coordenadora do curso de Dança da Ufal, Noemi Loureiro assistiu ao espetáculo de quarta-feira passada no 'Teatro Deodoro é o Maior Barato' e agora conta aqui as suas impressões

Focada +
no misticismo
brasileiro, AXN
estrela primeira
produção
nacional. B2



Quarta-feira 12/08/2015

ENTRE PLIÉS E ARABESQUES: AFINAÇÃO E BELEZA NA PONTA DOS PÉS



Escola de Ballet Eliana Cavalcanti subiu ao palco com 'aula-espetáculo' para mostrar os bastidores daquilo que na arte do balé aparece na cena com brilho, beleza e precisão técnica

NOEMI LOUREIRO*
ESPECIAL PARA A GAZETA

O Teatro Deodoro abre suas portas mais uma vez para o projeto "Teatro é o Maior Barato", em seus quase dezesseis anos de existência. Desta vez, o público adentra para a apreciação do deleite da orquestração da dança clássica. Arte milenar remanescente da Renascença francesa, cuja evolução acompanhou os cursos e as adequações da história, sobrevivendo aos séculos e fortemente contemplado na contemporaneidade.

O balé tem sua "genética" nas danças de corte, que eram, segundo o professor de História da Dança da Universidade de Paris Paul Boucier (2006), "um baile organizado em torno de uma ação dramática" que se apodera da dança geométrica de solo, empregando as evoluções geométricas dos bailarinos: círculos, quadrados, retângulos, em peças concebidas para serem vistas do alto, uma vez que os espectadores ficavam em bancadas.

É a italiana advinda da Dinastia dos Medici, Catarina de Medici, ne-

ta de Lourenço de Medici, o qual realizava festas nababescas na Itália, denominadas Triunfos, onde enfatizavam o balé, que, ao casar, mudou-se para a França levando consigo uma comitiva de artistas que lá desenvolveram essa dança.

Como as danças de corte tinham o caráter de "adulação da pessoa do rei", os coreógrafos eram cortesãos da classe alta. Aos poucos, as classes menos nobres foram sendo inseridas, e o virtuosismo e as acrobacias também. Aparecem assim os bailarinos profissionais. Essas danças eram registradas em libretos, e a mitologia estava sempre presente nas temáticas, na época de Luís XIII. Em 1564, o balé de corte apresenta seus elementos constituintes: dança, poesia, música, cenários com máquinas, ligados a uma ação dramática e poesia. Grandes produções com horas de duração.

No século 17, o mestre da dança Pierre de Beauchamps cria as cinco posições de pés da técnica clássica numa postura vinculada a uma expressão usada no balé, *en dehors*, cuja in-

terpretação lê-se "para fora". Cabe à história a interpretação da utilização dessa estruturação, em virtude das pesadas roupas da época, como também para que os bailarinos não dessem as costas para o rei. Outro fato a destacar é que as apresentações eram feitas em teatros italianos que têm formato de "ferradura", contendo frisas, camarotes, torrinha ou "geral".

É neste momento da história que foram se estabelecendo os passos da chamada "dança clássica", e, assim, duas escolas distinguem-se como principais na estruturação desse método: a francesa e a italiana. Com o passar dos tempos, foi criada a escola russa, inglesa, dinamarquesa e, mais recentemente, a escola cubana como referências metodológicas do ensino da dança clássica. É em 1661 que Luís XVI funda a Academia Nacional de Dança, hoje transformada na Escola e no Balé da Ópera de Paris.

O povo passou a usufruir dessa arte agora que os espetáculos não eram mais privilégio dos reis. As demais cortes da Europa imitaram os franceses,

"A programação preparada para a noite foi uma 'aula-espetáculo', que, segundo a própria Eliana Cavalcanti, é uma prática comum em muitos países da Europa, bem como nos Estados Unidos e Cuba. No Classic Concert, não há cenários, no intuito de que seja ressaltado apenas o método empregado pela escola"

criando suas companhias, propiciando, assim, a difusão do balé para um público cada vez maior. Foi na França que o balé se desenvolveu e por isso sua terminologia é em francês, permanecendo assim em todos os países que utilizam essa técnica, até os dias de hoje.

Como o que se apresenta não revela o processo de como se faz, a bailarina e coreógrafa "alabucana" – por definição da própria mestra – Eliana Cavalcanti sobe ao palco do Teatro Deodoro mais uma vez, só que, neste momen-

to, fazendo as vias pedagógicas, na batuta de sua consagrada Escola de Ballet Eliana Cavalcanti, para mostrar "os bastidores" daquilo que na arte do balé aparece na cena com brilho, beleza e precisão técnica.

Comandando um elenco de aproximadamente cinquenta integrantes, entre bailarinos e bailarinas de sua tão conceituada Escola de Ballet, no Estado de Alagoas, Eliana amplia os horizontes da percepção da plateia, revelando, com toda a sutileza estética, como acontece uma aula de balé.

A coreógrafa introduz a noite com uma breve história do desenvolvimento dessa arte, fazendo uma retrospectiva temporal da evolução da dança cênica até o momento presente, e situando o público da aplicação em sua escola do método russo de dança clássica, criado por Agripina Vaganova.

Eliana ressaltou sua participação nesse evento realizado no teatro, desde o primeiro ano deste acontecimento, relembrando a passagem do Ballet Iris de Alagoas – Companhia de Dança Profissional por ela dirigida até sua extinção, em 2002; da Companhia de Ballet Eliana Cavalcanti e do Ballet Eliana Cavalcanti, ambos sob sua direção.

A programação preparada para esta noite foi uma "aula-espetáculo", ou "aula-concerto", que, segundo a própria Eliana Cavalcanti, é uma prática comum em muitos países da Europa, bem como nos Estados Unidos e Cuba. No Classic Concert, os bailarinos apresentam-se com roupas do cotidiano de suas aulas práticas; não há a utilização de cenários, no intuito de que seja ressaltado apenas o método empregado pela escola.

A aula é dividida em duas partes: na "barra", os

bailarinos executam exercícios que fortalecem os músculos e trabalham as articulações de forma específica, para desenvolver a elasticidade e a flexibilidade necessárias para a execução dos passos. Cada um deles com uma finalidade corporal específica; "centro", que é a aplicação do que foi desenvolvido na "barra", pensando nas colocações posturais dos movimentos que serão executados.

Essa "aula-espetáculo" havia sido apresentada pelo Ballet Eliana Cavalcanti em maio deste mesmo ano, em Maceió, tendo como modificação a ausência, desta vez, da companhia. A escolha dessa forma de apresentação se deve ao fato de que muitas dúvidas ainda são suscitadas sobre como é que os bailarinos conseguem fazer "coisas" tão maravilhosas em cena.

O que vimos no primeiro momento foi o desenrolar de uma "aula ensaiada", onde, na "barra", o professor elabora as sequências e os bailarinos a executam. No "centro", a Escola de Ballet se mesclava entre variações também ensaiadas, permeadas pelas turmas dos 2º ano, nível elementar-intermediário, avançado I e avançado II.

O segundo momento foi recheado de pequenas variações das turmas que fizeram parte do momento anterior, que, entre pliés, jettés, pirouettes, arabesques, combinados com força atlética e vigor, criaram num delinear de nuances de requinte técnico, virtuosismo e beleza ressaltados por bailarinas e bailarinos, comprovando que, apesar do tempo, o balé, em sua evolução, é uma linguagem universal de deleite para os olhos e o coração. ●

* Bailarina, professora e coordenadora do Curso de Dança da Universidade Federal de Alagoas.



ATRAÇÃO DE HOJE

SHOW A VOLTA DA GAFIEIRA, orquestra Gafieira Cai Dentro
Onde: Teatro Deodoro (Rua Barão de Maceió, 375 - Centro, Maceió)
Quando: às 19h30
Quanto: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia)
Informações: 99660-2244